PERSPECTIVA DESCOLONIAL NO ROMANCE "LUTAS DO CORAÇÃO", DE INÊS SABINO

Antonia Rosane Pereira Lima (UEFS)[1]

Resumo: O presente artigo propõe levantar discussões acerca da produção literária de autoria feminina no Brasil como fator de descolonialização frente à sociedade patriarcalista, a partir do estudo da obra *Lutas do Coração* (1999), de Inês Sabino, que aborda, dentre outros temas, a maneira como as conveniências sociais modificam as trajetórias das personagens e as levam a cometerem ações contra sua vontade. Escapar desse processo excludente de organização requer assumir um pensamento descolonizador, sob o ponto de vista de quem está de fora do discurso dominante. Pautado na pesquisa bibliográfica, as discussões deste trabalho serão conduzidas à luz dos estudos de Beauvoir (1970), Mignolo (2008), Araujo (2008), Alves (2012), e outros.
Palavras-chave: Escrita; Feminino; Descolonialidade; Mulher; Inês Sabino.

Abordar a escrita de autoria feminina, no século XIX, requer uma abordagem sobre o contexto o histórico em que a mulher esteve inserida – e como ele influenciou seu processo de criação literária –, a partir da escolha de temas e modos de ver a condição feminina naquele período. Nesse sentido, o presente artigo busca contribuir para os estudos que versem sobre mulher e literatura, tendo como foco a obra *Lutas do coração* (1898), da escritora baiana Inês Sabino (1853-1911), a partir da perspectiva da caracterização feminina em seu caráter heterogêneo, o que contribui para se pensar que tal autora rompeu com os pensamentos colonizadores que buscavam homogeneizar as identidades femininas em uma época baseada no patriarcalismo e na normatização da conduta feminina em padrões pré-estabelecidos.

Desse modo, faz-se necessário expor a contribuição de Inês Sabino para as letras brasileiras, a fim de que sua obra seja amplamente divulgada e conhecida. Nesse sentido, a respeito de sua produção literária, sabe-se que ela começou a escrever seus primeiros poemas aos doze anos e publicou os livros de poesia *Rosas pálidas*, *Impressões* e *Aves Libertas* em 1887, tendo lançado posteriormente outro volume de poesia e contos intitulado *Contos e lapidações*, em 1891. O único romance que se tem conhecimento dela é *Lutas do coração* (1898), além de uma coletânea de biografias *Mulheres ilustres do Brasil* (1899), que foi produzida com o intuito de valorizar grandes nomes femininos da História do Brasil. Sabino também atuou como jornalista,

[1] Graduada em Letras Vernáculas (UNEB), Mestranda em Estudos Literários (UEFS). Contato: antoniarosane@hotmail.com.

contribuindo para a *Gazeta de Notícias*, *O País*, *O tempo*, *Gazeta da Tarde*, *Jornal do Brasil* e as revistas femininas: *A mensageira* (1887-1890), *Eco das Damas* (1879-80) e *A família* (1888-89).

O romance abordado nesta pesquisa volta-se para a caracterização de três perfis femininos cujas personalidades de alguns podem ser vistas sob o viés da desobediência aos padrões sociais impostos socialmente, visto que, escapar desse processo de padronização do outro requer assumir um pensamento descolonizador, sob o ponto de vista de quem está de fora do discurso dominante. Por esse motivo, acredita-se que Inês Sabino promove uma espécie de transgressão em relação ao comportamento esperado para as mulheres na época – segunda metade do século XIX –, transpondo o discurso colonizador masculino que atribui a este sexo a condução da maioria das atividades intelectuais, escrevendo obras literárias com temáticas libertárias da condição feminina, indígena e negra.

Em se tratando de descolonialidade, Mignolo (2008) propõe uma desobediência epistêmica, isto é, a negação de qualquer tentativa de padronização das relações sociais, econômicas e subjetivas dos povos, sempre respeitando e garantindo sua independência social, epistemológica e de poder. E é nessa perspectiva que ele questiona qualquer tentativa de adequação das sociedades a modelos socioeconômicos defendidos por teorias como o neoliberalismo, que reforça o poder hegemônico do Capitalismo ou as do socialismo/comunismo, que, apesar de sua oposição frente ao capitalismo, teria, na essência, os mesmos objetivos, ou seja, a padronização às formas de organização social pelo planeta, ambas combatidas pelo corrente de pensamento descolonial do qual ele faz parte.

Nesse sentido, adotar a opção descolonial como desobediência epistêmica seria não aceitar os discursos como prontos e acabados. Não acatar a todas as imposições feitas por aqueles hegemonicamente dominadores e adquirir uma conduta mais independente em relação a tais determinações. Neste sentido, Mignolo preconiza a "Identidade em política" para contrapor com a "política de identidade", a qual algumas categorias sociais se identificam e ao mesmo tempo se diferem umas das outras. Ser homem, branco, heterossexual "são as principais características de uma política de identidade que denota identidades tanto similares quanto opostas" (MIGNOLO, 2008, p. 289).

Desse modo, conforme se depreende de estudos a este respeito, sabe-se que o círculo literário e cultural brasileiro foi, durante muito tempo, dominado por uma política de identidade marcada por componentes do sexo masculino, heterossexuais e brancos. A partir do momento em que a mulher adentrou nesse espaço e tomou a palavra para si, consolidou uma espécie de descolonialidade do discurso dominante, na busca pelo estabelecimento de mais igualdade no âmbito literário, com o intuito de falar e ser ouvida, e não apenas ser retratada pelo olhar do dominador.

Assim, considera-se, nesta pesquisa, que a escrita literária de autoria feminina, no século XIX, provocou uma desobediência ao discurso da elite letrada masculina, que, na maioria das vezes, menosprezava a produção feminina, qualificando-a como menor, sem muita expressividade, como se fosse um simples meio de demonstração dos sentimentos daquelas que escreviam, o que fazia pensar que todas as mulheres escreviam de forma similar, numa espécie de homogeneidade identitária pregada pelos intelectuais da época. Vale ressaltar, nesse sentido, que, mesmo algumas mulheres tendo adentrado nesse contexto de escrita, o referido período foi marcado pela proibição, por grande parte das famílias, de que as mulheres recebessem instrução, e, quando isso acontecia, elas ainda necessitavam quebrar as barreiras para galgarem a produção escrita, a divulgação e obtenção de recursos através de suas obras, já que essa instrução e acesso aos meios de produção eram restringidos.

Sobre esse aspecto é que se faz necessário refletir de forma “descolonial”, para que não se pense ou aja de modo a perpetuar os modelos discursivos de identidade, criados pela política colonial, ou seja, é necessário reagir a toda e qualquer forma de dominação dos meios culturais, a fim de se construir mais igualdades nas relações entre as pessoas. Desse modo, conforme enfatiza Telles (2012), mesmo com restrições quanto ao acesso à educação e, consequentemente, à escrita, muitas mulheres ousaram adentrar nesse espaço de escrita dominado pelos homens, porém enfrentando grandes desafios e empecilhos impostos por eles. Isso se deu, dentre outros motivos, conforme elucida Araujo (2008, p. 48), pois os homens “temiam o crescimento intelectual feminino, pois a leitura iria conduzi-la a tão desejada libertação cultural e política”.

Em relação à superação do discurso dominante, Alves (2012) descreve como algumas escritoras começaram a burlar as restrições que lhes eram impostas quanto à produção literária brasileira nas últimas décadas do século XIX. Conforme enfatiza, elas

criaram revistas voltadas para o público feminino, publicaram em almanaques e começaram a escrever para jornais de grande circulação e, para isso, contaram com a proteção, na maioria das vezes, de seus maridos intelectuais. São exemplos de mulheres que se inseriram no meio literário as baianas Ana Ribeiro, Inês Sabino, Amélia Rodrigues e Ana Autran. As que primeiro se arriscaram nesse empreendimento pertenciam a famílias abastadas e não usavam seus nomes verdadeiros. Inês Sabino, assim como diversas outras, contribuiu para a difusão da escrita literária de autoria feminina além de se empenhar em outros assuntos como os relacionados aos indígenas e aos escravos, produzindo poemas sobre essa temática. Ela preocupava-se com a defesa dos direitos dos indivíduos oprimidos pela sociedade.

Freitas (2002), ao falar sobre a escrita feminina, aponta para essa busca de valorização da mulher na sociedade brasileira através da literatura, pois, através das palavras, ela consegue saltar do ambiente privado em que sempre viveu para ocupar seu espaço junto ao meio cultural e social, buscando estabelecer-se enquanto ser no mundo e propondo novas maneiras de pensar sua identidade. Assim, ela descreve a condição feminina frente a essa atividade: “A criação artística e, sobretudo, a literária, como élan de comunicação de sua vida privada com o público, através da palavra escrita, abre para a mulher uma fenda na muralha, revolve o estagnado cenário cultural masculino, apresenta-a a este mesmo cenário” (FREITAS, 2002, p. 121).

Desse modo, através da literatura a mulher pôde expor quem verdadeiramente era, abordar aspectos da vivência feminina a partir de sua própria voz, diferente de como era descrita pela visão masculina, quase sempre como um ser frágil e submisso. Segundo Polesso e Zinani (2010, p. 100), “nas relações de gênero, assimétricas e de dominação, o que não é masculino assume uma posição marginal”. Nesse sentido, por muito tempo a literatura escrita por mulheres caminhou pela margem, longe dos holofotes canônicos das obras escritas por homens. Nesse cenário, é de fundamental importância a crítica feminista, no sentido de valorizar e trazer à tona as produções literárias de autoria feminina deixadas à margem da literatura nacional.

Em relação a esse papel subalterno desempenhado pelas mulheres, Beauvoir (1970) retrata a ideia defendida por E. Levinas segundo a qual a mulher é o “Outro”, enquanto o homem é o “Sujeito”. A partir dessa visão, entende-se que, por muito tempo, o homem é quem detinha o poder sobre tudo enquanto a mulher sempre foi submissa,

nunca tendo gozado de plena igualdade em relação a ele. Tem-se, neste sentido, que a ideia do sexo feminino como inferior ao masculino não se deu por causas naturais, mas fora imposta pelo homem através da ideia de dominação, e é por esse motivo que se faz necessário questionar os discursos dominantes e abordar as diferenças, no intuito de dar voz aos indivíduos excluídos social e culturalmente.

Desse modo, é com o intuito de tornar tal produção artística mais conhecida e divulgada, que este estudo se propõe a tratar de Inês Sabino, uma escritora pouco conhecida pelos leitores e estudiosos de literatura, mas que possui uma importante obra a ser explorada e pesquisada. A partir do romance *Lutas do coração* (publicado 1898, mas utiliza-se aqui a edição de 1999), tal escritora, além de apresentar características femininas distintas daquelas convencionalmente abordadas pelos escritores (com personagens femininas donas de suas próprias vontades), faz uma rica descrição das paisagens cariocas (o Rio de Janeiro é o principal cenário da obra), além de traçar uma espécie de diálogo entre as personagens a respeito de suas expectativas em relação à instauração da República e à queda da Monarquia, fato que demonstra estar a escritora a par dos acontecimentos políticos da época. Sobre Inês Sabino, assim escreve Silveira:

> [...] Inês Sabino promove rupturas em relação ao pensamento da época, produzindo contos, romances, artigos jornalísticos, biografias, textos memorialísticos e poemas que versam sobre temáticas controversas, problematizadoras da condição das mulheres. Seus textos demarcam um território literário feminino em um século caracterizado pelas hierarquias de gênero, numa sociedade que, mesmo experienciando novas formas de ver o mundo, em um momento de quebra de paradigmas filosóficos, sociais, políticos e estéticos, reserva às mulheres um papel subalterno, aceitando seu prestígio social, de bom grado, apenas no recôndito do lar. (SILVEIRA, 2014, p. 7).

Sobre esse aspecto, o enredo de *Lutas do coração* promove rupturas em relação à maneira como os relacionamentos amorosos eram retratados na literatura oitocentista, visto que há, nesse romance, um quarteto amoroso envolvendo as três personagens femininas (Angelina, Matilde e Ofélia) e Hermano, engenheiro civil que retorna da Europa e promove um “reboliço” na vida dessas mulheres. Desse modo, a partir da caracterização psicológica de cada uma, o narrador apresenta ao leitor comportamentos

femininos diversos e alguns até inadequados para uma época em que não era permitido às mulheres certos tipos de conduta.

Hermano é a primeira personagem a ser apresentada no romance, e, após ele, sua prima Angelina é a primeira mulher a surgir na narrativa. Filha única do barão de Santa Júlia (algumas personagens utilizam-se de seus antigos títulos de nobreza mesmo já estando na República), Angelina é a menina virgem cuja educação é baseada nas prendas domésticas, música e catecismo. "[...] sobressaía na sua simplicidade de trajar e encantava pela reconhecida bondade angélica e singeleza do todo" (SABINO, 1999, p. 127). A típica mulher educada para o casamento. "O barão não quis que ela tivesse mais estudos pelo motivo de não gostar de mulheres eruditas" (SABINO, 1999, p. 117). Não lhe era permitido ler os livros que o pai possuía na estante, ela vivia confortavelmente no palacete de seus pais e não questionava as restrições que lhes eram impostas.

Logo após Angelina, surge em cena Matilde, a mulher casada que não se comportava como tal perante a sociedade da época. Seus pais eram ricos, a princípio sem filhos resolveram adotar um menino, Alencastro. Após certo tempo nascem Matilde e seu irmão gêmeo. Matilde e Alencastro tornam-se amigos e posteriormente casaram-se. Ela representa a mulher que possui veia artística, porém devido às conveniências sociais é impedida de seguir uma profissão, segue cantando e tocando apenas em sarais promovidos pela família ou amigos. "Vaidosa, cheia de si, enamorada da sua pessoa, da sua voz, egoísta, julgava todas as outras pessoas abaixo dos seus merecimentos" (SABINO, 1999, p. 127). Recusa a maternidade para não estragar sua beleza ou abrir mão de ir aos bailes. "Naturalmente vaidosa, pensava ter como escravos os homens que lhe beijavam as mãos" (SABINO, 1999, p. 188). Interessa-se por Hermano mais para satisfazer seu ego do que por paixão ou qualquer outro sentimento, porém tem frustradas todas as suas investidas.

> Sentia [...] que um estranho domínio acima do seu brio de senhora honesta, e mesmo das conveniências, a suplantava, e ela obedecia sem consciência dos graves males que isso poderia trazer-lhe. [...] Muito à puridade, orgulhava-se da conquista, caso ele se arrebatasse ante os seus encantos (SABINO, 1999, p. 188-189).

Seu destino trágico (morte por tuberculose) reforça os resultados por ela ter infringido os códigos sociais e não ter se comportado como deveria, sendo ela uma

mulher casada e de família tradicional na sociedade carioca. Posteriormente ao surgimento de Matilde na narrativa, Ofélia é a terceira e última personagem apresentada e é a que possui mais ação na trama (com mais capítulos dedicados a ela). Antes conhecida como Antonieta, é uma mulher que se viu "obrigada" a reconstruir sua identidade devido aos acontecimentos que marcaram sua vida, como o casamento por imposição familiar e social. Oriunda de família de poucas posses foi levada a contrair matrimônio com o rico comendador Bernardes, homem bem mais velho que ela, que a abandonou grávida após contrair falência, deixando-a à mercê de credores que lhe arrancam tudo, ficando ela só, grávida e criticada pelos vizinhos que a culpam pelo abandono.

Com vergonha de voltar para a casa dos pais, ela sustenta-se com aulas de piano. Tempos depois seus pais morrem e ela conhece uma senhora inglesa e seu filho, tornando-se grandes amigos. Muda-se para a casa deles com o intuito de cuidar da senhora que se encontra doente. A criança morre tempos depois de complicação intestinal, assim como a senhora sua amiga. Fora para a Europa na companhia de Mr. Hardington, seu amigo e filho da inglesa, porém este também veio a falecer, instituindo-a sua única herdeira. Nessa ocasião ela resolve voltar ao Rio de Janeiro, porém como sabe que não será bem vista pela sociedade por ser uma mulher separada e manter relacionamento com um homem ser estar casada, resolve mudar seu nome para Ofélia e assim escapar dos julgamentos preconceituosos que certamente recairiam sobre ela.

Ofélia torna-se uma mulher culta, enigmática, que abre as portas da sua casa e a transforma num salão literário frequentado por muitos homens da alta sociedade e, raramente, por mulheres. Decide não se envolver com eles devido as suas decepções, porém após conhecer Hermano apaixona-se perdidamente e é correspondida por ele. "Não ambicionava riquezas; tinha-as. Conseguintemente aspirava mais alto: queria amor, bastava-lhe o coração dele; dando-lhe o seu, saboreava fartamente a doçura desse mito que se chama felicidade humana" (SABINO, 1999, p. 177).

A princípio o engenheiro decidiu que não iria se casar, pois era muito jovem para assumir tal responsabilidade. Envolveu-se com Ofélia, da qual nutria um sentimento sincero e puro. Porém devido às pressões dos amigos e dos tios, levado pelas vantagens sociais e econômicas que o casamento iria lhe proporcionar, ele decide se casar com a prima, Angelina. Ofélia, ao saber do episódio não aceita a proposta dele de continuarem

se encontrando após o casamento. Ela termina a relação entre eles mesmo depois de descobrir-se grávida. Ele, percebendo que a perderia, implora que o aceite de volta, prometendo inclusive desfazer seu compromisso com a prima, mas ela recusa, embora dilacerada por dentro. Antes de partir para a Suíça, em sua nova viagem rumo ao encontro consigo mesma, escreve uma carta para Hermano conforme havia prometido, despedindo-se e anunciando sua gravidez:

> Como é trivial e sabido, a vida compõe-se dum eterno corolário de desgostos, que principiam ao nascer e findam com a morte, tendo como base tão somente: *As lutas do coração*, que nos impõem sufocar o nosso amor, e jungir-nos ao altar do sacrifício, o que é horrível.
> Prometi escrever, faço-o: do que se admirará, porém, é que neste momento sinto saltar em minhas entranhas um filho, do qual o senhor é moral arquiteto.
> Ele não terá oficialmente pai; mas enfim, sua mãe há de conseguir fazê-lo venerar as virtudes que o exornam [...].
> [...]
> Do nosso amor criou-se uma vergôntea, no mesmo afeto morto pelas conveniências sociais; não pode haver ressurreição, porque se acha envolvido no sudário de passadas venturas, tão ternas e tão formosas!!
> [...]
> O nosso passado jaz sepulto nas conveniências do futuro (SABINO, 1999, p. 278-279).

Nesse excerto, percebe-se como as conveniências sociais modificam as trajetórias de vida das personagens, e, além disso, transformam as personalidades, visto que Ofélia se vê diante da mudança de seu próprio nome, altera sua conduta frente à sociedade, torna-se senhora de si a ponto de abandonar os sentimentos correspondidos por Hermano, pelo fato de ele não ter tido coragem de assumi-la perante a sociedade. A autora também destaca como os sentimentos podem tornar o homem um ser fraco, capaz de implorar pelo amor de uma mulher.

Assim, tem-se Ofélia como uma personagem que ao longo da narrativa vai ganhando expressão e adquirindo identidade, que salta de uma tríade amorosa para tornar-se peça principal do enredo. Através dela, segundo Quinlan (1999), Inês Sabino foge à caracterização do romance oitocentista pautado na mocinha que segue os padrões sociais e constitui família, para ir à busca de suas próprias convicções. Além disso, em relação à inversão de papéis na trama, quando Ofélia opta por seguir uma vida independente, descartando seu amor por saber que ele não assumiria um relacionamento

convencional com ela, Hermano torna-se um sujeito frágil e sentimental, que implora pelo amor de sua amada, mas obtém sua recusa, e ela mais uma vez vê-se levada a modificar sua trajetória em busca da autorrealização. Dessa forma, tem-se uma análise psicológica de Hermano, a qual possibilita ao leitor conhecer seus dramas e entender a razão de suas escolhas.

> – Perdoe-me, querida amiga... Não posso viver sem a senhora. Eu bem sei que fui culpado, que sou um réu, mas ainda estamos em tempo... Que me importa a sociedade, desde que ela não dá paz à minha consciência e que só a senhora pode dar-ma, como já fez? Diga que me perdoa, que não me despreza. O coração da mulher é tão grande, tão magnânimo!... diga que conservou de mim uma doce lembrança; diga... diga!... (SABINO, 1999, p. 273).

Sabino faz uso da descrição psicológica das personagens a fim de retratar o estado de espírito delas nos momentos mais delicados de sua existência, como se quisesse captar suas mais profundas emoções. Nesse sentido, vê-se que os sentimentos entre as personagens, apesar de verdadeiros e recíprocos, não são capazes de resistir às normas sociais e aos papéis já determinados para suas vidas.

> O jogo da fisionomia de ambos dizia mais do que as palavras; ela era o espelho das lutas do coração, medonhas, enormes; ele, deixando transparecer o amor que nutria sempre, provava que em matéria de sentimento o homem, leão, transforma-se no mais humilde cordeiro, confessando-se o mais fraco dos mortais (SABINO, 1999, p. 274).

Apesar de o leitor a princípio não aprovar a conduta de Hermano em aceitar o casamento com Angelina sem amá-la e imaginar que ele e Ofélia pudessem viver seu amor (desfecho típico das obras românticas), o próprio desenrolar da trama vai mostrando que, apesar de sua fraqueza em sucumbir-se ao matrimônio por conveniências, não havia outro comportamento esperado para tal personagem na época, visto que ele pertencia a uma família aristocrática, cujos casamentos serviam para perpetuar as riquezas e as tradições familiares.

Em vista disso, nota-se que o romance *Lutas do coração* representa duas espécies de descolonialidade dos modos de agir. A primeira delas diz respeito à própria autora, que escreve numa época em que sequer a escolarização era um direito feminino (século XIX), e a inserção no universo da literatura não era uma atividade bem vista para as

mulheres desempenharem, visto ser um ambiente dominado pelos homens intelectuais, que as julgavam incapazes para tal. A segunda descolonialidade possui relação com os assuntos abordados no romance, visto que o casamento por conveniências é tratado de forma crítica, que não leva em conta os sentimentos das pessoas envolvidas, apenas as vantagens são consideradas pelas famílias ao imporem tais atos.

A caracterização psicológica das personagens contribui para que o leitor perceba, em cada ação, como as famílias tradicionais da sociedade brasileira foram sendo construídas e como as regras da moral e dos bons costumes provocavam a infelicidade, sobretudo das mulheres, as quais serviam como moeda de troca para a perpetuação do poder entre os grupos dominantes. Assim, Inês Sabino contribui para a literatura brasileira ao abordar a temática feminina a partir da voz de uma mulher, que, vivendo numa época bastante excludente, teve a coragem de superar os diversos obstáculos impostos e construiu uma obra voltada para a emancipação feminina e busca por maior igualdade nos âmbitos sociais e culturais.

Referências

ALVES, Ivia. *Liberdade e Interdição*. Pontos de Interrogação: A produção de autoria feminina, v. 2, n. 1, p. 120-135, jan./jun. 2012.

ARAÚJO, Maria Da Conceição Pinheiro. *Tramas Femininas na Imprensa do Século XIX*: Tessituras de Ignez Sabino e Délia. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Letras Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

FREITAS, Zilda de Oliveira. *A literatura de autoria feminina*. In: FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do (orgs.). Imagens da mulher na cultura contemporânea. Salvador: NEIM/UFBA, 2002.

MIGNOLO, Walter D. *Desobediência epistêmica*: a opção descolonial e o significado de identidade *em* política. Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 324, p. 287-324, 2008.

POLESSO, Natalia Borges. ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Da margem*: a mulher escritora e a história da literatura. Métis: história & cultura, p. 99-112, 2010.

QUINLAN, Susan Canty. *Apresentação*. In: SABINO, Inês. Lutas do coração. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

SABINO, Inês. *Lutas do coração*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

SILVEIRA, Sinéia Maia Teles. *Múltiplas faces femininas da tessitura literária de Inês Sabino*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

TELLES, Norma. *Escritoras, escritas, escrituras*. In: PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. 10. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.